

ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE
PARINTINS PARINTINS
2016

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2016

SERVE DE ABERTURA À EDIÇÃO

Intertextualidades na literatura latina: influências de poetas clássicos na *Eneida* de Virgílio

Patricia Christina dos Reis¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor uma discussão acerca da influência de Homero na *Eneida* de Virgílio, assim como a de outros poetas greco-latinos. A partir de considerações feitas por Grizoste (2013), foi feita uma pesquisa bibliográfica cujos resultados se reúnem neste artigo. Aqui são comentadas as opiniões de dois teóricos que consideram a *Eneida* como imitação da *Odisseia*. O primeiro teórico é Hardie (1998) e o segundo é Otis (1969). Em seguida, considera-se duas influências relevantes na escrita de Virgílio: a escola neotérica e o epicurismo.

Palavras-chave: Eneida; Odisseia; Virgílio; Homero; intertextualidade.

Grizoste (2013) na introdução de seu trabalho comparativo entre a *Eneida* de Virgílio e *Os Timbiras* de Gonçalves Dias, faz uma volta ao tempo para mostrar a relação existente entre a obra virgiliana e a *Odisseia* de Homero. Esta relação entre as obras tem sido classificada, ao longo dos anos, de diferentes formas. Uns consideram o trabalho de Virgílio como uma cópia de Homero. Outros creem que esta seja uma recriação, uma adaptação ou até mesmo uma imitação. Grizoste aponta teóricos que utilizam esses conceitos, tais como Todorov, Bloom, Jaus, Wigotsky, Hardie, Otis, entre outros. O que todos os teóricos concordam é que Homero é de fato o arquétipo para Virgílio (GRIZOSTE, 2013, p. 37).

Um dos teóricos mencionados, Hardie (1998), utiliza o termo ‘imitação’ ao tratar da relação entre as obras. Para ele a imitação virgiliana de Homero leva o leitor a comparar e contrastar a fonte e a imitação, usando o conhecimento do texto Homérico como filtro interpretativo na leitura da *Eneida*. Hardie (1998) explica que o julgamento que fazemos do heroísmo de Eneias, por exemplo, é

¹ Professora Assistente de Língua Inglesa Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

guiado pelas memórias que temos dos comportamentos de personagens Homéricos, que somados formam Eneias (HARDIE, 1998, p. 55). Assim, a leitura de obras gregas anteriormente à leitura da *Eneida*, oferece ao leitor uma maior compreensão do texto virgiliano e de suas intertextualidades.

Sobre essa possibilidade de reconhecimento de outros textos em uma obra, DINIZ (2010) contribui com seu estudo sobre recriações literárias, classificando-as como ‘filiadas’ de uma ‘matriz’. Segundo a autora, o prazer que encontramos na leitura de uma recriação é “o fato de que podemos reconhecer na filiação traços peculiares da matriz. Nosso prazer viria também de reencontrarmos o familiar no diferente” (DINIZ, 2010, p. 123).

Um exemplo do reconhecimento desses traços na *Eneida* é dado por Hardie (1998), ao apontar a semelhança das obras quanto à descida ao mundo dos mortos feita por Eneias para encontrar seu pai, o que nos remete à descida de Odisseu à Hades para encontrar sua mãe (HARDIE, 1998, p. 53). Grizoste complementa essa relação entre as obras apontando outras similaridades entre elas: a invocação, os monólogos e os diálogos dos deuses, as tempestades, as orações de Ulisses e Eneias, e até a chegada em segurança aos seus respectivos portos (GRIZOSTE, 2013, p. 39). Tais exemplos confirmam a tese de Hardie (1998) de que a *Eneida* pertence a uma tradição épica, e continuamente volta seus olhos às origens dessa tradição nos poemas de Homero.

OTIS (1969) vê a relação entre as obras de uma forma diferente. Para ele, a *Eneida* não é uma simples imitação da *Odisseia*. Imitações anteriores de Homero não copiaram a obra homérica como Virgílio o fez. Foram imitações que não criaram outra *Ilíada* e *Odisseia* com a mesma correspondência vista na obra virgiliana, com os mesmos efeitos, significados, estética e sentido filosófico (OTIS, 1969, p. 42).

Para Otis, Virgílio encaixou Homero em um contexto não homérico bem diferente. O que contrasta as duas obras é a subjetividade de Virgílio e a objetividade de Homero. O contexto da obra de Virgílio foi subjetivamente concebido. Sua narrativa penetra

nosso inconsciente de uma forma que uma narrativa ‘física’ ou ‘externa’, como a de Homero, não consegue atingir. Para Otis a narrativa de aventuras de Homero é óbvia constante, ao contrário do ‘estilo subjetivo’ de Virgílio, que penetra os sentimentos dos personagens (OTIS, 1969, p. 43).

A análise de Otis não diminui o valor literário da *Odisseia* e de seu autor. Homero sempre será considerado um poeta exemplar e Hardie (1998) fortalece esse pensamento ao argumentar que ao imitar a obra de Homero, Virgílio foi audacioso, considerando a grandiosidade do poema homérico. Homero não foi só o pioneiro no gênero, mas foi também o poeta universal, fonte de toda literatura posterior, capaz de compreender os mistérios mais profundos do universo (HARDIE, 1998, p. 57).

A *Eneida* não sofre influência apenas de Homero, mas também das tragédias gregas. Além disso, a inspiração poética virgiliana veio de poetas como Catulo, Cícero, Névio, Ênio e Lívio Andrônico (GRIZOSTE, 2013, p. 41). Tais poetas não são necessariamente imitados na *Eneida*, mas estão presentes em passagens, como está Catulo, em determinada fala de Eneias.

Outros latinos ligados a Virgílio, apresentados por Hardie (1988), são: Calvo, Cina, Polião, Vário, Galo e Siro. Da mesma forma, estes não influenciaram diretamente a produção da *Eneida*, mas são poetas que serviram de fonte de inspiração para Virgílio em algum momento de sua carreira. Nas suas primeiras grandes obras, Virgílio é ciente de suas raízes na então chamada escola neotérica de poetas como Catulo, Calvo e Cina.

A escola neotérica reunia poetas inovadores (*poetae novi*) que seguiam o poeta helênico Calímaco. Os tipos mais importantes de poesia neotérica são curtos poemas de conteúdo pessoal, endereçados a uma amada, a amigos ou inimigos e escritos como epigramas ou estrofes curtas do tipo helênico. São poemas marcados pela riqueza e rigor das formas. Dihle (1994) identifica dois dos poemas de Virgílio como pertencentes à poesia neotérica. Todavia, em seguida, associa o poeta ao movimento dos poetas epicuristas, que viam a saída da vida pública como condição para cultivar a moral individual (DIHLE,

1994, p. 30). De fato, a influência epicurista é algo a ser considerado na obra de Virgílio e consequentemente, sua relação com Lucrécio, adepto de Epicuro.

As influências dos poetas citados neste artigo revelam a riqueza intertextual da obra de Virgílio e a complexidade do processo de sua escrita literária. A *Eneida* é resultado de uma série de influências e reflete uma vida de leituras feitas por Virgílio. Alguns dos poetas clássicos aqui citados sinalizam as fontes de influência do autor.

A forma como cada poeta influenciou Virgílio poderia nos levar ao estudo de diferentes momentos da vida do autor. Tomemos como exemplo, a influência de Lucrécio, ou de outros poetas epicuristas e veremos que investigar a forma como o epicurismo se revela em Virgílio poderia ser instigante e desafiador. Hardie (1998) oferece as primeiras pistas para esse trabalho. Para ele as imagens de vida rústica usadas por Lucrécio são exploradas por Virgílio, dando continuidade à tradição de Teócrito (HARDIE, 1998, p. 11).

O contraste entre cidade e campo usado por Lucrécio é refletido no uso ocasional de paisagens pastoris por Virgílio, mostrando as vantagens de se viver no campo, perante a vida agitada das cidades. A conclusão moralizante que Lucrécio faz, dando mais valor à vida no campo, parece ter como suporte o Epicurismo². A vida pastoril idealizada é vivida com tranquilidade, com círculos de amizades pequenos, seguindo a amizade epicurista dentro do “Jardim”, com abstenção da vida política e a maximização do prazer através de um estado de contentamento tranquilo (HARDIE, 1998, p. 12).

A questão do Epicurismo é certamente válida para a discussão sobre as *Bucólicas* de Virgílio, mas não deixa de ser relevante ao se pensar nas ideias que formaram o poeta até o momento em que escreveu a *Eneida*. Sua trajetória e suas influências levam-nos a compreender melhor o tom de sua obra.

² Influência do poeta grego Hesíodo que, assim como Homero, foi um dos fundadores da literatura ocidental.

Essa discussão sobre o Epicurismo em Virgílio não será prolongada aqui. Apenas tentamos abordar possíveis influências sofridas pelo poeta ao longo de sua vida. As influências aqui apontadas não esgotam as possibilidades existentes, mas sim pretendem provocar reflexões sobre a intertextualidade na *Eneida* e sobre a contribuição de diferentes poetas para a formação literária de Virgílio.

Referências Bibliográficas

- DIHLE, Albrecht. *Greek and Latin Literature of the Roman Empire. From Augustus to Justinian*. London and New York: Routledge, 1994.
- DINIZ, Telma Franco. «Tradução, adaptação, apropriação: recriações de uma mesma matriz». In: SILVA, Maria de Fátima Souza; BARBOSA, Teresa Virgínia Ribeiro (Org.). *Tradução e Recriação*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes. *Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Iliada brasileira*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. Tese. (Tese policop.).
- HARDIE, Philip. *Virgil*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- HOMERO, *Odisséia*. Trad. Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- OTIS, Brooks. «The Originality of The Aeneid». In: DUDLEY, D. R. (ed.). *Virgil*. London: Routledge and Kegan Paul, 1969.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol. 2. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- PRIETO, Maria Helena Ureña. *Dicionário de Literatura Latina*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2006.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Luis Cerqueira. Cristina Guerreiro, Ana Alves, Lisboa, Bertrand, 2011.